

# V ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO

V ENCUENTRO DE INVESTIGADORES LATINOAMERICANOS DE COOPERATIVISMO

MOVIMENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZAÇÃO  
E IDENTIDADE COOPERATIVA NA AMÉRICA LATINA

MOVIMIENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZACIÓN E IDENTIDAD COOPERATIVA EN AMÉRICA LATINA

COMITÊ DE PESQUISA DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL



## 212 - A EDUCOMUNICAÇÃO COOPERATIVA E O NOVO SENSO COMUM EMANCIPATÓRIO: UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA “A UNIÃO FAZ A VIDA” DO SICREDI

Juventude, educação e cooperativismo

*Joni Josselito Johann*

*[jonijohann@yahoo.com.br](mailto:jonijohann@yahoo.com.br)*

*UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos*

### Resumo

Este trabalho apresenta as conclusões da pesquisa realizada no âmbito do programa “A União Faz a Vida” do Sistema Sicredi de crédito cooperativo. Reunimos os principais resultados e apresentamos uma síntese da fundamentação utilizada e aprovada como Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS(Brasil/RS) em agosto de 2007. A idéia é vislumbrar, a partir das experiências observadas, como as diferentes inter-relações entre os campos de conhecimento da comunicação e da educação, que se configuram no assim denominado campo da educomunicação, podem favorecer, primeiro, o processo de educação cooperativa, e, assim, serem utilizadas para a construção de um *novo senso comum emancipatório*, conceito de Boaventura de Sousa Santos.

Para tanto, apresentamos o campo da educomunicação a partir da abordagem de Ismar de Oliveira Soares; fazemos uma breve retomada das reflexões acerca dos media em John B. Thompson, Pedrinho Guareschi e Jesus Martin-Barbero, para, então, abordarmos a educação cooperativa, planejada sobre uma ótica educocomunicativa, como um espaço privilegiado dentro do amplo leque do *Sistema de Resposta Social* aos media, nos termos de José Luiz Braga, para a reinvenção da emancipação social proposta por Santos.

### Palavras-chave:

Educomunicação ; Cooperação ; Emancipação Social ; Novo Senso Comum Emancipatório ; Sistema Resposta Social a Mídia

## **Abstract**

This paper presents the conclusions of a research realized around the program “Union makes Life” of Sicredi system of cooperative credit. We met the main results and showed a summary of the reasoning used and approved as the Master's Thesis in Social Science at the Unisinos University in august 2007. The idea is to imagine, foreseen watching experiences as the different interrelation among the knowledge of communication and education which constitute the so called field of *educomunicacion* may help at the process of cooperative education and thus be used for the construction of a *new common sense emancipatory*, concept by Boaventura de Sousa Santos.

It's so that, we present the field of educomunicacion beginning the approach of Ismar de Oliveira Soares, make a brief resumption of discussions about the media in John B. Thompson, Pedrinho Guareschi and Jesus Martin-Barbero, to then showing than the cooperative education pointed at the look of educommunicative, as a privileged space of within the broad range of *social system response* to the media, according to Jose Luiz Braga, for the reinvention of social emancipation according to Santos.

### **Key-words:**

Educomunicação ; Cooperação ; Social Emancipação ; New Common Sense Emancipatory ; Social System Response to the media

Este trabalho da continuidade ao apresentado no IV Encontro de Pesquisadores Latino-americanos em Cooperativismo, realizado em Rosário, Argentina, no ano de 2006, intitulado “Educomunicação Cooperativa”.

----- X X X -----

**A EDUCOMUNICAÇÃO COOPERATIVA E O NOVO SENSO COMUM EMANCIPATÓRIO:  
UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA “A UNIÃO FAZ A VIDA” DO SICREDI**

Acompanhamos, por toda a América Latina, um movimento que trabalha na concepção de um novo campo teórico de conhecimento – a educomunicação. Para alguns, trata-se apenas de mais um território de transdisciplinaridade, mas a maioria dos envolvidos reconhece sua originalidade e especificidade como um *ponto de mutação* na confluência das duas ciências.

Presenciamos um momento de transformações sociais que, segundo Boaventura de Sousa Santos(2002), configuram rupturas com o paradigma moderno. Vemos emergir, da *ausência* de nossas memórias, experimentações sociais e econômicas alternativas que, em comum, trazem a idéia da emancipação dos sujeitos envolvidos, numa perspectiva de contracorrente, de contrariedade à ordem instituída – perspectiva contra-hegemônica.

O avanço das tecnologias de comunicação propiciou o desenvolvimento de uma sociedade essencialmente *mediada*. Os padrões de comportamento, as referências, mesmo os valores e por fim os hábitos de consumo são introjetados e alinhavados pela mídia, principalmente a mídia eletrônica. A comunicação de massa adentra todas as ciências humanas, apropriando-se dos seus saberes e interferindo em todas as áreas, assim como na educação (Thompson, 1998).

*(...)devemos nos conscientizar de que o desenvolvimento de novos meios de comunicação não consiste simplesmente na instituição de novas redes de transmissão de informação entre indivíduos cujas relações sociais básicas permanecem intactas. Mais do que isso, o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana. Ele faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo. (THOMPSON, 1998, p. 77)*

Nos últimos 30 anos o desenvolvimento dos *mass media* e das demais tecnologias da comunicação tem transformado a cultura e todo o modo de viver das sociedades. Hoje, segundo Guareschi(2000), não existe nada na sociedade moderna que não passe pela mídia:

*O sinal dos tempos, hoje, é que vivemos um tempo de sinais. Estamos inseridos num mundo e numa realidade cada vez mais simbólicos. O capital que assume valor preponderante nos nossos dias é o capital simbólico. E quem cria e legitima esse capital, são os meios de comunicação. (GUARESCHI, 2000, p. 9)*

Dada a influência da mídia na sociedade, gradativamente a inclusão da mídia no espaço educativo vem se constituindo, também pela necessidade de adaptação à dinâmica social, na própria forma de enfrentar a penetração da mídia em mais esta esfera. Mas este processo contém seus perigos, como nos comenta Martín-Barbero:

*A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto” (Martín-Barbero, 1997).*

#### **EDUCOMUNICAÇÃO COOPERATIVA**

A educomunicação surge neste contexto de “mediação da vida” em que o espaço formal de educação é questionado e discutido. Surge como a inter-relação entre os saberes da comunicação e da educação, de forma a dar conta da intervenção da comunicação na esfera educativa e à sua centralidade na vida humana. Abrem-se assim inúmeras possibilidades de agrupamentos conceituais entre os vastos campos da comunicação e educação. Nas palavras de Mário Kaplún:

*A educomunicação pode ser definida como toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos. (KAPLUN, 1998)*

Na tentativa de estudar as possibilidades educacionais no âmbito da educação cooperativa, precisamos antes, situarmo-nos teoricamente no que tange a esta.

*A cooperação como uma forma especial de ajuda mútua, apela a motivações bem distintas das do auto-interesse ou de impulsos egoístas. Uma disciplina coletiva livremente assumida requer um crescimento cultivado através da educação. Requerem-se novos valores, novas idéias, novos padrões de comportamento, novos hábitos de pensamento e de conduta, baseados nos valores superiores da associação cooperativa. Portanto, nenhuma cooperativa pode dispensar a educação (SCHNEIDER, 1999, p. 134).*

Da passagem acima extraímos o entendimento de que a educação cooperativa não pode restringir-se ao trato da formação técnica dos cooperados e demais públicos da organização. O principal motivo da inclusão da educação entre os pioneiros de Rochdale era o seu desejo objetivo de mudança social. Trata-se da busca de uma mudança global de mentalidade de todos os públicos envolvidos direta ou indiretamente na cooperativa. ‘

É a cooperativa como um instrumento de mudança da vida das pessoas! Nossa maneira de entender reforça o caráter visionário dos pioneiros uma vez que ainda hoje ao falarmos em mudança social, em justiça social, e de um desenvolvimento que os contemple, inevitavelmente mencionamos a necessidade de educação.

Muitos autores cooperativistas que comungam desta premissa educativa já expressaram a sua preocupação com a comunicação. De fato, a utilização de técnicas de comunicação para a educação cooperativa não é uma novidade. Segundo Schneider, todo veículo de comunicação pode ser uma importante ferramenta de educação desde que pensado para tanto (SCHNEIDER, 2003). A novidade talvez esteja na concepção de todo um planejamento do processo e do entender educativo cooperativo sob esta premissa de complementaridade.

Já na década de 60 o inglês W. P. Watkins, por exemplo, relaciona as ferramentas da comunicação, especificamente da propaganda, ao trabalho de educação cooperativa. Ele trabalha a diferença entre os atos de educadores e propagandistas. O faz para que se possa “distinguir claramente uma da outra, ainda quando elas se apresentem mescladas”:

*Una diferencia óbvia es que, mientras el educador por lo general intenta influenciar a las masas a través de su acción sobre los individuos, al propagandista a menudo se lo verá tratando de influenciar individuos a través de su acción sobre las masas. (WATKINS, 1989, p. 132-133).*

Para Watkins, o propagandista tem como propósito “persuadir a gente para que pense, sinta e atue como ele deseja”, enquanto que o educador, por outro lado, não está primariamente interessado no que pensa ou no que crê o indivíduo, mas sim no como pensa e como forma suas opiniões.

O inglês trabalha a separação dos saberes. Mas, ainda que inconscientemente, ele já vislumbrava as inter-relações entre os campos. Entenda-se que no tempo em que seus trabalhos se deram a comunicação ainda não tinha o grau de enraizamento na sociedade que tem hoje. Esse enraizamento, como vimos, se dá nos últimos 30 anos.

Hoje, falamos de uma maneira geral em interdisciplinaridades. Embora concordemos com a explicitação de Watkins sob a forma como operam as duas ciências, esta diferenciação entre as atividades não mais da conta da realidade social contemporânea e da relação educação-comunicação vigente.

Carlos Burr é outro autor cooperativo que trabalha na mesma direção de Watkins, mas de outro ponto de partida. Ele afirma que a educação cooperativa pode ser dividida, para fins de análise, em educação interna e externa. Por educação interna ele entende o trabalho junto ao conjunto dos públicos

internos de uma cooperativa. Atentemos para o conceito de públicos, próprio das ciências da comunicação, utilizado por Burr, e vejamos como ele define o “público” externo da cooperativa:

*Hacia el exterior del movimiento, la educación se propone interesar y atraer a los probables socios y al público em general, crear um ambiente favorable para el movimiento por parte de quienes no tienen vinculación alguna com él (BURR, 1965, p. 127).*

Atentemos para a escrita utilizada por Burr: “Interesar y atraer”; não são por excelência verbos educativos. Ao contrário, assemelham-se muito mais a ações de propaganda. O que poderia redundar num conflito de propósito, quem sabe entre o convencer e o educar, pode hoje, objetivando-se a contra-hegemonia, a mudança dos valores da sociedade, entretanto, ser trabalhado numa perspectiva distinta, de complementaridade.

Burr conceitua a educação cooperativa como “el conjunto de métodos que permiten el logro de um hábito de ver, pensar y juzgar en conformidad a los ideales y principios cooperativos” (BURR, 1965, p. 119). Segundo ele, este conjunto inclui diferentes técnicas de comunicação.

*Una revista cooperativa, concebida como una publicación no especializada, de interés general es, sin duda, el instrumento de mayor eficacia y puede citarse, a este respecto, la revista del movimiento sueco de cooperativas de consumo, que se dirige a un vasto público al cual se le presentan temas limitados sobre cooperativismo insertos en una publicación de interés periodístico general. (BURR, 1965, p. 127-128).*

Apesar deste entendimento, raras são as referências a utilizações de veículos “externos”, ou de comunicação de massa como estratégias de educação-expansão cooperativistas.

Vemos que a relação entre educação e comunicação já é há muito pensada pelos teóricos da cooperação, mas como campos independentes. A educomunicação urge podendo diminuir a distância entre educar e comunicar, e, aplicada à cooperação, aproximar as iniciativas de expansão e educação cooperativas.

Segundo Ismar de Oliveira Soares, principal articulador da temática educacional no Brasil, a genética do campo educacional remonta aos anos 50. Pode-se estabelecer sua origem nos estudos do uso de tecnologias da informação de Burrhus Skinner (1904-1990).

No entanto, segundo o mesmo autor, é com Célestin Freinet (1896-1966) e com o brasileiro Paulo Freire (1925-1997) que, através de suas perspectivas criativas da inter-relação Comunicação/Educação, nasce o entendimento pedagógico, de método, que norteia o desenvolvimento do campo educacional hoje. Voltemos à chave da concepção freireana de educação: “o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal, não está apenas no mundo, mas com o mundo” (FREIRE, 2001, p. 20). Ao que recuperamos que a educação “é fundamentalmente um problema de comunicação” (SCHNEIDER, 2003, p. 163).

Hoje, muito se tem produzido sobre o tema e dois autores têm sido muito lembrados: Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún. Barbero, por sua sólida reflexão sobre a relação Comunicação/Cultura e por suas teorias das mediações. Kaplún, por seus estudos relacionando a comunicação com processos educativos. Kaplún é pioneiro neste campo na América Latina. Campo este, ainda está em formação.

Como todo campo em formação, surgem divergências. Para alguns autores, que divergem da compreensão da maioria e questionam a interface entendida como uma nova ciência, para a constituição de um novo campo a partir das duas ciências ter-se-ia que realizar a bidirecionalidade da intervenção dos saberes. Entre estes autores está Edson Gabriel Garcia que afirma acerca do termo educador utilizado para descrever aqueles que na área trabalham:

*É como se "comunicador" fosse o adjetivo, o qualificativo de "edu"(cador). Passa uma idéia que estamos nos referindo a processos de Comunicação na Educação. Isto poderia nos levar a crer que o sentido maior dessa construção lingüística esteja voltado para a Educação. E não creio que assim seja — daí o paradoxo. A discussão está sendo feita por educadores (em sua maioria), nas instituições de natureza educativa (em sua maioria, escolas), mas o que prevalece nas discussões, acertadamente, em minha opinião, é o campo da Comunicação. (GARCIA, 2000)*

Garcia aponta que os estudos intitulados de educomunicação se apresentam como de mediações comunicacionais em educação. Segundo ele, seria necessário, para a efetivação do campo, desenvolver a via inversa por ele chamada de processos educacionais em comunicação.

Enquanto que o primeiro campo trata de questões educacionais de aprendizagem e método, o segundo trata de questões de comunicação e remeteria, na visão de Garcia, a quatro preocupações por parte dos comunicadores(GARCIA, 2000):

- pensar os meios como processos educativos;
- pensar os meios como espaço de polifonia e pluralidade cultural;
- programar e produzir com respeito à dignidade humana;
- programar e produzir de olho na construção do bem comum.

Nosso estudo buscou investigar empiricamente a primeira e mais difundida direção da relação: da comunicação na educação, entretanto, acreditamos que a chave para que uma educomunicação cooperativa alcance seus objetivos contra-hegemônicos e emancipatórios seja o trabalho concomitante, em alguma instância, tanto da comunicação na educação cooperativa, como da educação na comunicação e no marketing cooperativos.

Observando o binômio a partir de sua dimensão mais difundida, da comunicação na educação, segundo Soares, o campo da educomunicação se materializa em quatro áreas de intervenção social: educação para a

comunicação, mediação tecnológica na educação, gestão da comunicação na educação, e a área da reflexão epistemológica.

### **1) EDUCAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO OU EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS**

O primeiro ponto que pode ser trabalhado é a educação para os meios. Educar para o poder de influência da mídia. Formar cidadãos mais conscientes deste processo. Trabalhar a educação cooperativa de forma a confrontar a dominação ideológica, a hegemonia transpassada por todas as instâncias de mídia; trabalhar a cooperação e seus valores em oposição à lógica dominante e aos valores verificados nos produtos midiáticos.

Através da abordagem educacional podemos pensar numa metodologia de re-educação cooperativa a partir da crítica da mídia e de seu conteúdo. Uma metodologia de percepção da dominação ideológica através da exposição midiática, controlada.

### **2) MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA EDUCAÇÃO**

Ao serem introduzidos no espaço educativo, os meios tecnológicos inauguram toda uma mudança no agir educacional. Os professores precisam ser treinados. A dinâmica se altera. Não estamos nos referindo aqui somente a meios massivos como a televisão ou mesmo os impressos, tratamos também de ferramentas como a computação e, por conseguinte, a internet.

Se o espaço educativo é invadido pela comunicação, pela tecnologia, a educação cooperativa precisa ocupar-se também de ocupar estes espaços: da comunicação, dos meios massivos, da internet. Se queremos avançar na utilização de novas tecnologias da comunicação na educação; se não nos parece conveniente, produtivo, e muito menos condizente com os valores cooperativos limitar o acesso à informação, devemos pensar em proporcionar, no uso destas tecnologias, espaços não governados pela hegemonia que se pretende contrapor. Pensar a cooperação sob uma perspectiva educacional pede que pensemos em meios de comunicação cooperativos. Lembremos Schneider, quando ao tratar dos meios de comunicação internos de uma cooperativa ele aponta que:

*se bem explorados, ou seja, quando, além das informações administrativas, técnicas e comerciais, também veiculam conteúdos de formação cooperativa, tais meios podem ser uma excelente forma de diálogo. ( SCHNEIDER, 2002, p. 135).*

### **3) GESTÃO DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO OU GESTÃO EDUCOMUNICATIVA**

O que os estudos aglomerados sob esta subárea procuram fazer é dar conta de como elaborar estratégias de gestão do processo educacional uma vez introduzidas as tecnologias da informação. Partem da presença da mediação tecnológica no espaço educativo e da idéia, que pode ser

relacionada aos ensinamentos de Paulo Freire, de basear o processo educativo no diálogo, na comunicação. Tratam da construção de um ecossistema comunicativo. Trata-se de, fundamentalmente, estudar as questões educativas, tanto de gestão como de aprendizagem no contexto da educomunicação.

*Definimos, assim, a Educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 1999).*

#### **4) REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA**

O último campo relacionado a educomunicação trata-se da reflexão epistemológica. Se a origem da educomunicação é a interdisciplinaridade entre educação e comunicação, a sua ascensão ao status de campo científico necessita da participação de outras disciplinas em sua elaboração.

Além da Comunicação e da Educação, que fornecem os principais aportes teóricos para o novo campo, as áreas da Antropologia e da Sociologia apresentam-se com potencial para fornecer importantes subsídios a seu aprofundamento teórico e metodológico. Além disto, outros profissionais como psicólogos e psicólogos sociais terão de ser chamados a enriquecer o campo.

A verificação empírica como estratégia de teorização que definimos para nossa pesquisa, adentra neste campo. A partir de nossas observações no programa “A União Faz a Vida”, procuraremos dar luz a algumas possibilidades de teorização e de atuação educacionais.

#### **O SISTEMA DE RESPOSTA SOCIAL**

Até meados da década de 80, os meios de comunicação foram abordados sobre a perspectiva da investigação de sua atuação sobre seus receptores. O ponto de partida destes estudos vira e volta se direcionava para os efeitos que estes meios teriam sobre seus usuários. Esses estudos tendiam a sub-valorizar as capacidades destes usuários e a dar ênfase à mídia como sujeito da ação social.

A partir da segunda metade da década de 80, entretanto, “redescobrem-se as inserções culturais dos receptores”. Passa-se a considerar e estudar como as diferentes experiências e identidades culturais trabalham como mediadoras na interpretação dos produtos midiáticos (BRAGA e CALAZANS, 2001). Esta nova geração de estudos, apesar do ganho de complexidade, persiste na tensão bipolar entre “a mídia” e “os usuários”. Entende-se que, mesmo agindo ativamente sobre as informações recebidas, “os usuários não teriam condições de agir concretamente sobre as mensagens (para além do nível elementar de selecioná-las ou não)”, bem como sobre seus processos de

produção. Surge o conceito de interatividade (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 22-23).

Nos anos 90 com a internet, a discussão sobre interatividade ganha corpo, constituindo-se na “menina dos olhos” dos comunicólogos. Segundo Braga, esta discussão acabou, novamente, por estabelecer um binômio, “uma clivagem entre meios”. De um lado se localizariam os meios interativos, “vistos positivamente e mesmo, às vezes, com deslumbramento”. Do outro lado, sobriariam os meios não-interativos, “vistos então como superados ou francamente negativos” (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 23).

Este tipo de posicionamento clivatório, bi-monolítico, não nos parece dar conta da contemporaneidade. Existem diferentes formas de interações sociais e é isto, fundamentalmente, o que urge de ser estudado, a forma como estas interações se estabelecem, se comunicam, e se intrincam. Nem tanto a forma como as expressões culturais reagem, mais ou menos, a mídia, mas como diferentes expressões culturais interagem, não com a mídia, mas através desta, ou numa realidade pautada por esta. Abaixo, uma sintética exposição sobre o que seria este conjunto de diferentes interações: o Sistema de Resposta Social:

*Em vez de pensar a comunicação social como uma relação bipolar entre mídia e usuários, deve-se observar a ocorrência de interações sociais gerais da própria sociedade – isto é, entre setores da sociedade e entre pessoas – através dos meios de comunicação. (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 23).*

No que tange a cooperação, precisamos estudar a mídia sem tomá-la como o centro da vida ou da análise comunicacional; estudar a comunicação não como o todo das relações sociais; a tarefa é em si, a de romper com estas perspectivas. Como o cooperativismo é percebido pelas demais instâncias emancipatórias da sociedade? Como o meio cooperativo se percebe e interage com a mídia? Como estabelecer diálogos com estas demais instâncias emancipatórias? Como lidar com uma mídia não cooperativa? Faz-se necessária uma mídia cooperativa?

*Assumir este novo olhar implica em primeiro lugar um movimento de ruptura com o comunicacionismo(...) Ou, em termos sociológicos, a idéia de que a comunicação constitui o motor e o conteúdo da interação social.(...) O segundo movimento de ruptura é com o midiacentrismo(...) segundo o qual as mídias fazem a história, ou desde seu contrário, o ideologismo althusseriano, que faz das mídias mero aparelho de Estado. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 222-223).*

#### **A COOPERAÇÃO E A REINVENÇÃO DA EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

A escolha pela utilização dos conceitos do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos se deve, dentre outros fatores, pela possibilidade de fundamentar uma maior aproximação entre o cooperativismo tradicional e os demais campos da sociedade civil identificados com uma perspectiva de

emancipação social, ONGs, associações e demais entidades de economia solidária.

Na tentativa de reanimar a perspectiva crítica dentro das ciências sociais no paradigma que se instaura, Santos elabora e define três procedimentos sociológicos a serem realizados: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução.

A “escavação” na riqueza social desprezada pela ciência expressa uma grande diversidade de práticas, movimentos sociais, concepções alternativas de vida, economia, comércio, sociedade e comunidade. A esse movimento *chamamos sociologia das ausências*, ou o resgate de saberes populares, tradicionais, alternativos. Conferir credibilidade às diversas alternativas seria o objetivo da prática da sociologia das ausências (Santos, 2004; Veronese, 2004).

*A descoberta do que é produzido para estar ausente do mundo da globalização hegemônica é a sociologia das ausências, uma espécie de escavação do presente; a possibilidade de novos futuros possíveis a partir dessas experiências, é a sociologia das emergências; e a criação de inteligibilidade mútua entre as diversas experiências emancipatórias e eventualmente frágeis é o procedimento de tradução. Conferir credibilidade às diversas alternativas, no plural, seria o objetivo da prática da sociologia das ausências; ela procura conhecer e creditar alternativas em termos de modos de ser, viver, trabalhar, sentir, parecer, consumir, amar, diferentes dos tradicionais ou considerados como únicos válidos, ou seja, persegue os processos de singularização, através de coletivos potentes. O resultado é a expansão do presente, que fica mais rico com o reconhecimento da diversidade de experiências que o compõem (VERONESE, 2004, p.43)*

Segundo Santos, a modernidade instaurou um processo de *desperdício da experiência*. Os saberes acumulados pelas minorias (ou maiorias, dependendo do caso), no espaço da comunidade, da *sobrevivência* econômica não são considerados como válidos, como alternativas creíveis para a sociedade humana. Em sua obra “A crítica da razão indolente”, o sociólogo português trabalha com foco na construção de um *novo senso comum*, emancipatório, includente e crítico, guiado por *topoi* inovadores e progressistas (SANTOS, 2002).

O conceito de *Topoi* proposto por Santos vem a constituir-se na união de valores compartilhados, diferentes, contraditórios em alguns pontos, mas comuns em outros mais fundamentais. Não se trata de uma destruição total do senso comum existente. Santos é crítico das rupturas totais. Ele trabalha na perspectiva de agregação de saberes, dos saberes ausentes, frutos das experiências dos agentes oprimidos. O entendimento entre os diferentes *topoi* de diferentes grupos e culturas é o objetivo do trabalho de tradução proposto por Santos.

O procedimento de tradução é complementar a sociologia das ausências e das emergências, e essencial a revitalização da emancipação social no novo paradigma. Se as primeiras visam enriquecer o mundo, “o trabalho de tradução visa criar inteligibilidade, coerência e articulação” a esta enriquecida diversidade (SANTOS, 2001, p. 807).

“O trabalho de tradução é, simultaneamente, um trabalho intelectual e um trabalho político”. A tradução não é somente a técnica de traduzir. Obviamente que esse elemento é relevante, dado seu necessário funcionamento democrático, implícito ao objetivo emancipatório; entretanto, é também emoção.

*Pressupõe o inconformismo perante uma carência decorrente do caráter incompleto ou deficiente de um dado conhecimento ou de uma dada prática. (SANTOS, 2001, p. 808).*

Quando objetivamos a fundamentação de uma abordagem educacional para o cooperativismo, objetivamos a cooperação, dada sua pujança econômica, como um espaço privilegiado para a construção destes espaços emancipatórios. O projeto de sociedade de Santos remete a um conjunto de utopias, propõe o que seja uma *heterotopia*, montada sobre o conjunto das ações emancipatórias, plurais e mistas. Ao invés da grande utopia que conta com a transformação da sociedade como um todo, pequenas utopias, locais, realizáveis na prática cotidiana dos atores sociais.

*Em vez da invenção de um lugar situado algures ou nenhures, proponho uma deslocação radical dentro do mesmo lugar: o nosso. Partir da ortotopia para a heterotopia, do centro para a margem. A finalidade deste deslocamento é permitir uma visão telescópica do centro e uma visão microscópica de tudo o que o centro é levado a rejeitar para reproduzir a sua credibilidade como centro. O objetivo é experienciar a fronteira da sociabilidade enquanto forma de sociabilidade. (SANTOS, 2002, p.233)*

Não se trata da concepção de um novo centro no caso do cooperativismo; mas do *deslocamento do centro da análise e da experiência para a fronteira*, para a variedade das experiências. Não se trata de instaurar a tradição cooperativista como hegemonia, mas de conectá-la, talvez até com alguma centralidade, às *periferias* do saber, às demais iniciativas em economia solidária e da sociedade civil.

*A epistemologia dos conhecimentos ausentes parte da premissa de que as práticas sociais são práticas de conhecimento. As práticas que não assentam na ciência não são práticas ignorantes, são antes práticas de conhecimentos rivais, alternativos. Não há nenhuma razão apriorística para privilegiar uma forma de*

*conhecimento sobre qualquer outra. Além disso, nenhuma delas, por si só, poderá garantir a emergência e desenvolvimento da solidariedade. O objetivo será antes a formação de constelações de conhecimentos orientados para a criação de uma mais valia de solidariedade. É esta mais uma via de acesso à construção de um novo senso comum. (SANTOS, 2002, p.247).*

Acreditamos que a educomunicação possa contribuir para uma maior interlocução do cooperativismo com a sociedade. Para isso, acreditamos oportuno e necessário um olhar sobre as esferas *ausentes* da sociedade, sobre o terceiro setor, sobre o amplo espectro de iniciativas econômicas alternativas. A educomunicação cooperativa deve ser construída sobre um firmamento de diálogo com a sociedade civil.

#### **A EDUCOMUNICAÇÃO NO PROGRAMA “A UNIÃO FAZ A VIDA” E A EDUCOMUNICAÇÃO COOPERATIVA COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO SENSO COMUM EMANCIPATÓRIO**

Dado a grande abrangência do programa em todo estado do Rio Grande do Sul, optamos por regionalizar e limitar nossas observações no âmbito do município de Nova Petrópolis, na subida da serra gaúcha. A escolha por este município se deu por sua importância histórica para o cooperativismo e uma vez que não objetivávamos a análise do programa estudado, mas a coleta de experiências que descem luz a nossa perspectiva educ comunicativa.

O programa, surgido em 1992, abrange hoje cerca de 90 municípios gaúchos, atingindo mais de 9000 professores e 110 mil alunos. Além do Rio Grande do Sul, já está operando nos estados de Santa Catarina, Paraná e está em fase de implementação em Mato Grosso do Sul.

Dedicamo-nos a observar com pormenor a realidade de duas escolas estrategicamente escolhidas, uma no ambiente urbano e outra situada mais afastada, junto à zona rural do município. Entrevistamos professoras, coordenadoras, diretoras e alunos, de forma a colher, dentro de uma temática de uso de técnicas pedagógicas que envolvessem em alguma medida a comunicação, midiática ou não; e as idéias e experiências relatadas foram de grande riqueza e diversidade. Lembrando que não era nosso objetivo uma avaliação do programa, e sim, a busca de subsídios para nossa elaboração teórica.

Dentre as conclusões a que pudemos chegar, salienta-se o interesse unânime pela temática, assim como o desconhecimento da expressão *educomunicação*, bem como da idéia compreendida, seja na confluência dos dois campos, comunicação e educação, seja em relação a formação de um novo campo científico. Os entrevistados manifestaram amplamente o seu desejo por formação específica para o uso de ferramentas de comunicação, ao tempo em que descreviam suas experiências e iniciativas neste sentido.

Embora inexistentem preparo e planejamento para uma *gestão da comunicação na educação*, a proposta pedagógica do programa, em sendo dialógica, pode ser enquadrada como educacional. Esse fato e o sucesso alcançado pelo programa reforçam nossa crença na educação. Além disto, muitas iniciativas pessoais verificadas podem ser enquadradas como *mediações tecnológicas na educação*. Uma ampla gama de experiências envolvendo vídeo, exposições de trabalhos, jornais de escola, teatro e teatralizações diversas, campanhas de educação ambiental – folders/folhetos, etc.

Para além da esfera escolar, o que mais nos chamou atenção foi o impacto que estas iniciativas enquadáveis como educacionais surtiram na comunidade. Segundo nossas entrevistadas, iniciativas como jornal, vídeo e teatro ajudam no processo de integração da comunidade na dinâmica da escola.

Nossas observações e os relatos colhidos atestam a dinâmica dialógica do programa estudado. Esta premissa do mestre Paulo Freire nos autoriza a incluir o programa na perspectiva educacional estudada. Esta inclusão nos remete necessariamente a necessária bidirecionalidade apontada por Garcia e a *tradução* defendida por Santos para a reinvenção da emancipação social.

Ao vislumbrar o sucesso do programa no que tange a utilização de mediações tecnológicas e, sobretudo, a repercussão positiva que tais utilizações na comunidade escolar, passamos a indagar acerca da possibilidade de ampliação desta esfera de repercussão. Para tanto, a abordagem midiática nos parece indispensável.

Para tanto, faz-se necessário voltar a Garcia quando este aponta a necessidade de se “pensar os meios como processos educativos”. Outros autores da comunicação apontam esse “pensar pedagógico” dos meios como condição para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da mídia. Esse pensar não deve remeter a uma programação “educativa” simplesmente. Tal tipo de programação, via de regra, costuma ser identificada e mesmo rotulada, não contemplando o gosto dos expectadores.

Pensar os meios como processos educativos implica em entender que a mídia educa, e, antes, que a mídia pauta. Ao tempo em que pensarmos em *como* utilizar os meios como processos educativos, precisamos pensar também na inserção da diversidade na mídia. Neste ponto recuperamos o pensamento de Santos com relação à construção do novo senso comum emancipatório.

Antes de fazermos a *tradução*, e de pensarmos em programas que exercitem esta tradução, formando espectadores-tradutores e mesmo um novo senso estético, faz-se necessário pensarmos na inserção da diversidade que se pretende em diálogo.

Como fazer isso tem sido a grande questão dos estudos emancipatórios de comunicação. As esperanças acabam por terra diante da impossibilidade de confronto com o poder da grande mídia. Precisamos de um grande veículo, apontam alguns! Diante desta impossibilidade o otimismo recai sobre a internet, e surgem inúmeras teorias de redes e compartilhamento para dar conta de como esta audiência poderia organizar-se em termos contra-hegemônicos. Mas essa premissa nos parece carecer de efetividade. O que entendemos é que, conjuntamente ao trilhar irrevogável e positivo da pulverização da comunicação, via internet, entre outras mídias, no sentido do que Boaventura aponta para as fronteiras, devemos vislumbrar uma referência, não um centro no sentido centralizador, mais uma referência. Uma referência ditada por um *topoi* constantemente em construção e em negociação.

Na construção deste processo de contra-hegemonia a cooperação organizada não pode se ausentar. Dada sua natureza e pujança econômica o cooperativismo pode, ao conectar-se as demais iniciativas sociais identificadas, desempenhar, na medida da constituição de um braço mediático, este papel de referência. Ao que destacamos que essa possibilidade deve-se ser estudada em termos de marketing e gestão estratégica das grandes cooperativas e do cooperativismo como um todo.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após nossas observações acabamos por confirmar nossa hipótese inicial, de que a educomunicação possa desempenhar importante papel no desenvolvimento da educação cooperativa. Na medida em que os relatos apontaram para um maior envolvimento da comunidade a partir destas atividades de mediação tecnológica, julgamo-nos obrigados a recomendar que a relação comunicação-educação passe a ser discutida e planejada de forma mais estrategicamente relevante. Que este pensamento multidisciplinar passe a contemplar a relevância que os temas de marketing possuem nas organizações em geral.

Se como afirma Santos em relação à *tradução*, o trabalho é ao mesmo tempo intelectual e político, acreditamos que os estudos e experiências no campo da educomunicação cooperativa possam auxiliar no desenvolvimento da educação, comunicação, marketing e expansão cooperativas; e mais, podem ainda ajudar na aproximação do cooperativismo com as demais instâncias emancipatórias da sociedade e contribuir para a construção de um novo senso comum emancipatório na constante busca de uma sociedade mais equânime.

## Referências Bibliográficas

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. Hacker Editores, São Paulo, 2001.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica de. **A técnica da entrevista na pesquisa social**. Cadernos de Sociologia 9, Porto Alegre: UFRGS, v. 9, p. 143-159, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra, São Paulo, 1996, 18ª edição.

GARCIA, Edson G. **Comunicação e Educação: Campos e Relações Interdisciplinares**. 2000. Artigo encontrado no site do Núcleo NCE/ECA/USP. - <http://www.usp.br/nce>, [http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil\\_edson.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_edson.html) – acessados em 30/07/2007.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Circulo do Livro, São Paulo, 1981.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Os construtores da informação: Meios de comunicação, ideologia e ética**. Vozes, Petrópolis/RJ, 2000.

JESUS, Antônio Tavares de. **EDUCAÇÃO E HEGEMONIA no pensamento de Antonio Gramsci**. Cortez, Campinas/SP, 1989.

KAPLUN, Mário. **Una pedagogia de la comunicación**. Ed. de la Torre, Madrid, 1998.

LAURITI, Nádia C. **Comunicação e Educação: Território de Interdiscursividade**. 1999. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil\\_nadia.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_nadia.html). Acessado em 30/07/2007.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Comunicación massiva: discurso y poder**. Ciespal, Quito, 1978.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Comunicación educativa y didáctica audiovisual**. Ed. Sena, Cali, 1979.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Ed Loyola, São Paulo, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: “Um Discurso sobre as Ciências” Revisitado**. Porto: Afrontamento, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 4ª ed. 2002.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, Participação e Autonomia Cooperativa**. São Leopoldo: Unisinos, 1991, 2002 e 2003;

SICREDI. **A União Faz a Vida**. Case de Apresentação do Programa. Porto Alegre, 2006.

SOARES, Ismar Oliveira. **Comunicação / Educação: Emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** Contato – Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, v.1, n.2, jan/mar, 1999.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998

VERONESE, Marília Veríssimo. **A psicologia na transição paradigmática: um estudo sobre o trabalho na economia solidária.** Tese de doutorado em psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VERONESE, Marília Veríssimo. **A noite escura e bela: um estudo sobre o trabalho noturno.** Dissertação de mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

WATKINS, Willian P. **Los principios cooperativos hoy y mañana.** Bogotá. Esaccop, 1999.